

Introdução

O visual e o quotidiano

Razões de um encontro

Tudo começou há menos de meia dúzia de anos, num intervalo de café, durante um seminário que ocorreu no ICS, no novo edifício que há poucos meses havia sido inaugurado. Andávamos então à volta das sonoridades luso-afro-brasileiras (as actas desse encontro também se encontram publicadas pela Imprensa de Ciências Sociais) e, no contexto relaxado da conversa de café, o Prof. José de Souza Martins, da Universidade de São Paulo, tecendo elogios sobre a estética do novo edifício, lamentava, contudo, o vazio das paredes. Nisto começámos a debater questões relacionadas com o visual e o quotidiano, convergindo no reconhecimento da forte imbricação que existe entre essas realidades. Para além da amizade que nos une, temos algo mais que nos aproxima e nos fascina, que é o quotidiano, a sociologia do quotidiano – muito distinta daquela sociologia que, reclamando-se também do quotidiano, mais parece uma sociologia do nada sobre coisa nenhuma. Sim, porque a realidade social, olhada na perspectiva do quotidiano, convoca necessariamente um olhar selectivo e sensibilizado, desde logo do ponto de vista teórico. Nessa altura ele desafiou-me: «Que interessante seria podermos realizar um seminário sobre o *visual e o quotidiano*.» Respondi-lhe: «Quem sabe?»

No ponto de interrogação em que ficámos dependurados e nas reticências entretanto surgidas sobre as condições de possibilidade do encontro, foi crescendo o meu entusiasmo pelo repto. Com tanta mais intensidade quanto mais me apercebia dos desafios de interpretação do social a partir de plataformas metodológicas assentes no questionamento do visual. Numa pesquisa que então tinha em curso sobre os sem-abrigo de Lisboa¹ ocorrera-me ofertar a um deles uma máquina fotográfica descartável para

¹ «A minha casa é um mundo: os sem-abrigo», in José Machado Pais, *Nos Rastos da Solidão. Deambulações Sociológicas*, Porto, Âmbra, 2006, pp. 31-72.

que me retratasse o seu quotidiano. Nenhuma entrevista me conseguiu dar o que me deram as fotografias desse sem-abrigo sobre a sua realidade circundante. É claro que as fotografias não me deram o seu quotidiano. Mas revelaram-me muito mais do que isso: revelaram-me o modo como ele o captou. Com esse sem-abrigo aprendi que a realidade representada nas fotografias não é propriamente a realidade que elas representam. A fotografia, valendo por sua própria imagem, produz um efeito «hiper-realista» ao representar uma «realidade excedida» que se exacerba no modo *como* e por *quem* é representada. E isto acontece porque há uma diferença entre o visto e o visível, da mesma forma que entre o dito e o dizível.

Mas não podia embarcar sozinho na aventura anunciada pela conversa de café. O desejo apenas começou a caminhar para a sua concretização quando convidei a Clara Carvalho, a Marina Pereira (ambas do ISCTE) e a Neusa Mendes de Gusmão (da UNICAMP e que sabia estar a caminho de Lisboa) para levarmos por diante a ideia da realização do seminário – ideia que certamente se sumiria se não as tivesse convidado.

Avançamos então para a organização do encontro, no pressuposto de que a vida quotidiana é um terreno onde se vive a experiência antropológica do olhar, de uma vadiagem de olhar – teoricamente sensível – que toma os registos de observação como superfície de revelações na exacta medida em que o seu avesso está cheio de ocultações. Foi essa dança de olhares – de campos disciplinares distintos – que tentámos promover no cenário do encontro, na certeza de que o olhar que vê o mundo consagra o mundo que o olhar vê. Ou seja, na realidade quotidiana, o visual torna-se um «centro polimórfico» que deve ser interpretado, mas também pode ser meio de interpretação: «objecto e método» de pesquisa². Como bem nos dizia Simmel num «ensaio sobre a sociologia do sentido»³, o olhar é um recurso notável da observação sociológica. Mas os sociólogos, ao contrário dos antropólogos, têm menosprezado esse recurso.

Curiosamente, um dos instrumentos de inquirição mais consagrados no domínio das ciências sociais é a entrevista. Contudo, embora a entrevista reclame a proeminência da «vista», na verdade, numa entrevista quase todo o registo de pertinências se faz no plano da fala: do que se pergunta, do que se responde, do que se transcreve. A vista, na entrevista, perde-se frequentemente de vista. O que podemos reivindicar é a recuperação da vista como suporte da observação. Entrevista plena, vista viva,

² Massimo Canevacci, *A Cidade Polifónica. Ensaio sobre a Antropologia da Comunicação Urbana*, São Paulo, Studio Nobel, 1993, p. 43.

³ Georg Simmel, «Essai sur la sociologie des sens», in *Sociologie et épistémologie*, Paris, PUF, 1981.

tanto ou mais reveladora do social do que simples perguntas de um guião de questionário. Tomando as palavras de Martins, de um livro recente que co-editou, poderíamos dizer que o «nosso desafio é o de uma comunicação experimental que traga ao plano do conhecimento as imagens da vida em sociedade em seu questionamento de representações verosímeis»⁴.

Por aí fomos, conscientes do muito caminho por percorrer. A presente edição, que reúne as intervenções apresentadas no seminário, é apenas um começo. Agradecimentos pelo apoio encorajador que nos deram são devidos ao Instituto de Ciências Sociais, à Fundação Calouste Gulbenkian e à Fundação para a Ciência e Tecnologia. E, dado a comissão organizadora deste seminário ter trabalhado como uma equipa de estafeta, passarei de imediato o testemunho à Clara Carvalho para nos falar dos desafios que enquadraram o encontro, que logo o passará à Neusa Mendes de Gusmão para nos fazer um breve balanço do mesmo. A Marina Pereira, correndo por fora, cumprira já a sua missão ao fazer em DVD a gravação integral do encontro, à disposição dos interessados na biblioteca do ICS.

José Machado Pais

Desafios

Esta obra reúne os textos apresentados no encontro «O visual e o quotidiano», que ocorreu nas instalações do ICS, em Lisboa, juntando antropólogos, sociólogos, museólogos, curadores, documentaristas, numa reflexão «a propósito de imagens que actuam como velação e revelação do quotidiano. Imagens que são receptáculos de cenas, memórias e representações que se (re)criam nas contemplanções a que dão lugar». O debate incidiu sobre a forma como o visual serve de suporte à representação do quotidiano e como os documentos que o configuram podem constituir, por seu turno, instrumento privilegiado da investigação em ciências sociais. Durante dois dias estas questões foram discutidas em torno de casos concretos, sugerindo diálogos inovadores entre participantes de diferentes áreas disciplinares.

Embora estas questões não sejam inovadoras na história da sociologia e da antropologia ditas «visuais», elas raramente têm sido tratadas em Portugal, e este encontro pretendeu relançar um debate que tem produzido alguns dos comentários mais inovadores da literatura especializada.

⁴ José de Souza Martins, Cornelia Eckert e Sylvia Caiuby Novaes (orgs.), *O Imaginário e o Poético nas Ciências Sociais*, São Paulo, EDUSC, 2005, p. 10.

Com efeito, os suportes visuais têm suscitado uma reflexão transdisciplinar sobre o potencial ético e mesmo epistemológico das ciências sociais, relançando a questão da autoridade do discurso académico face aos direitos individuais relativos à figuração identitária. Por outro lado, estes mesmos suportes constituíram-se em objecto de estudo, abrindo novas perspectivas analíticas sobre a representação social. A fotografia, em particular, desde a sua invenção, em 1826⁵, foi encarada como um meio privilegiado da representação do quotidiano, com uma repercussão nunca atingida por outras figurações pictóricas. Como Giselle Freund realça, as imagens fixas foram inicialmente utilizadas para expor a individualidade burguesa⁶. Contudo, o seu potencial rapidamente foi apropriado pelos *media* para representar a massificação social emergente, os grupos sociais, as manifestações e conglomerações, as identidades profissionais. Ao debruçar-se sobre os fenómenos de grupo e as representações sociais, a fotografia afirmou-se como um suporte eficaz para significar não só as interações do quotidiano como a exposição fantasiosa, a publicidade e todas as formas de recriação simbólica. O seu inultrapassável potencial mimético conduziu a que fosse encarada como uma «cópia» da realidade; contudo, trata-se de uma «cópia» manipulável, uma realidade tornada objecto que se pode coleccionar, reenquadrar, sistematizar, ou mesmo esconder, criando por este processo novos significantes. O duplo carácter da fotografia, enquanto objecto e como aparente – e falacioso – retrato da realidade, aliado à sua facilidade de reprodução, tornou-a a mais eficaz tecnologia mimética do último século. A este universo, a introdução das «imagens em movimento» veio acrescentar a narrativa e a possibilidade de representar não apenas visualmente como por meios sonoros. Estes registos deram novas possibilidades aos *media*, e depois às ciências sociais, ao incluírem nas representações documentais a voz do outro, do estudado, do etnografado, em discurso directo.

Actualmente vivemos num universo dominado pela imagem: filmes, *media*, fotografias e produtos digitalizados preenchem o nosso quotidiano. Os acontecimentos são filtrados pelas imagens num universo consumidor que fez delas o seu principal produto. Em 2003, Susan Sontag interrogava-se sobre o interesse aparentemente sórdido ou voyeurístico das representações do sofrimento que invadem o nosso quotidiano sem nos

⁵ Esta data corresponde à da primeira fotografia assinada por Joseph Nicéphore Niépce. Contudo, a criação de imagens fixas foi realizada em períodos concomitantes por vários autores, em que se destaca ainda Louis Daguerre em 1839, em Paris, e William Fox Talbot em Inglaterra.

⁶ Giselle Freund, *Photographie et société*, Paris, Éditions du Seuil, 1974.

envolverem directamente para concluir que esta representação não é mais do que um processo usual do recuo e distanciamento em relação à realidade, próprio de toda a actividade reflexiva. A autoridade mesma de acontecimentos e experiências só existe na medida em que estes são passíveis de serem evocados e descritos, sendo que a sua figuração usual é visualisável⁷. Neste jogo entre a «realidade» e a sua exposição, onde existe o quotidiano sem a (sua) representação visual? E em que medida esta representação delimita esse mesmo quotidiano?

Estas questões têm sido longamente abordadas pela sociologia e pela antropologia, disciplinas que se debruçaram sobre as manifestações visuais da produção cultural, das categorias sociais e das relações de sociabilidade. No seguimento da discussão iniciada pelos *cultural studies*, a área de estudo alargou-se aos elementos da cultura popular, incluindo as suas representações visuais, tais como o cinema, o fotojornalismo e os *media*, em particular a televisão. A apropriação dos *media* ou de outras formas de comunicação visual por grupos com identidades emergentes ou reclamadas criou igualmente um desafio aos cientistas sociais que analisam as formas de apropriação do espaço urbano por grupos sociais particulares e a sua expressão corporal, gráfica e mesmo arquitectónica ou ainda as formas de afirmação identitária por grupos minoritários que se têm socorrido da sua expressão visual juntos dos *media* para reivindicarem um espaço político⁸.

A este *corpus* de elementos expressivos de comportamentos sociais e práticas culturais vieram acrescentar-se os documentos visuais produzidos no quadro disciplinar que são, eles próprios, actualmente entendidos como representações e objecto de análise. Beneficiando da longa produção de objectos visuais no quadro de investigações particulares, estas áreas disciplinares – em particular a antropologia – analisam a sua própria produção no quadro histórico e académico que a determinou. Neste jogo entre o estudo visual das sociedades, a análise das imagens visuais e a utilização de meios audiovisuais como suporte da investigação quotidiana, as ciências sociais têm vindo a encontrar novos significados para a relação entre o visual e o quotidiano. O repto lançado aos participantes neste seminário foi o de desmontar esta relação e trazer para o debate as diferentes perspectivas analíticas de antropólogos, sociólogos, historiadores, filósofos, documentaristas e produtores reunidos num mesmo debate.

Clara Carvalho

⁷ Susan Sontag, *Olhando o Sofrimento dos Outros*, Lisboa, Gótica, 2003.

⁸ O exemplo paradigmático desta utilização da representação visual e do seu impacto junto dos *media* como meio privilegiado de afirmação política é dado pelos grupos ameríndios que conseguiram internacionalizar as suas reivindicações nacionalistas, de que é exemplo o clássico documentário de Terence Turner, *The Kayapo out of the Forest*.

Um breve balanço

O encontro «O visual e o cotidiano» reuniu diferentes expositores e diferentes abordagens da temática principal. Retomando o objectivo desse seminário, devo aqui lembrar passagens que suscitam a reflexão a propósito das imagens que, nas diversas exposições feitas durante esses dois dias, mostram processos de veção e de revelação do cotidiano. Pontuo, portanto, cenas, memórias e lembranças, representações que, por fim, os expositores e seus textos imagéticos ou não suscitaram em mim e, possivelmente, no público presente.

Revejo então a fala de abertura desse evento em que a Maria Eduarda Cruzeiro nos lembrava ser esse um espaço propício ao encontro com o outro e para a configuração de sonhos que constroem imagens. Foi isso que se viu nas muitas trocas entre expositores e participantes não só em relação aos textos expostos, mas também na troca informal que um evento como esse proporciona aos investigadores e interessados. Portanto, o encontro já valeu a pena pela troca de experiências que proporcionou e que resultaram de uma ideia, de um desejo, agora tornado realidade mediante os esforços de José Machado Pais e do ICS.

Da fala de Machado Pais, ainda na abertura desse evento, transponho o que vimos e ouvimos, como fruto do olhar imagético que consagra o mundo que o olhar vê. Vê e representa, como bem colocou José de Souza Martins, professor brasileiro e nosso primeiro expositor, ao estabelecer na sua comunicação a necessidade e a urgência da reflexão sociológica sobre a fotografia.

O impacto da sua fala, através de exemplos explicativos propostos por outras linguagens – da literatura ao cinema, passando ainda pela experiência didáctica com os seus alunos na Universidade de São Paulo –, trouxe-nos a questão da fotografia, que polissemicamente se revela, não como o real que se acredita, mas como um modo particular de mentir, como uma deformação do real e suporte desse mesmo real. Nesse sentido, desafia o fazer sociológico que não pode assumi-la (a fotografia) tão-somente como técnica que congela e documenta o social, mas que, sobretudo, expressa a natureza mesma da vida moderna e, como tal, possibilita a representação social da sociedade contemporânea em relação ao seu próprio modo de ser.

No entanto, o que a fotografia diz a respeito da sociedade, pela fala de Maria do Carmo Serén, é nada, ou não diz nada. O que diz tem a ver com o que quer dizer aquele que fotografa, ou seja, o fotógrafo. É a história desse olhar sobre a sociedade, sobre o urbano, que se desvela. A fotografia pelo olhar do fotógrafo é também, para a expositora, representação.

As comunicações de Souza Martins e de Serén aproximam-se. Se o olhar do fotógrafo contamina aquilo que ele fotografa, como é o caso do

urbano, mostrado em diversas imagens, o que se tem é a «mentira» da imagem fotográfica bem lembrada por Souza Martins. O que se tem é representação. Representação que resulta da percepção daquele que fotografa e que o faz utilizando-se de recursos operatórios e interpretativos próprios da técnica e, como tal, não necessariamente real. Pode ser ficcional e, assim, uma criação que ao criar desconstrói o real e cria a ilusão da realidade.

Ambas as apresentações, de Souza Martins e de Serén, tomam por base «o modo de olhar», revelando o que está por trás da fotografia, muitas vezes tida como «colada ao real», senão o próprio real. Ambos nos colocam a desconstrução dessa perspectiva, digamos, de senso comum e deixam a indagação: como compreender o modismo de certas áreas de investigação que tomam a fotografia ou o recurso fílmico como o que mais facilmente daria conta do que acontece em determinados contextos? Trata-se de áreas que alegam serem tais técnicas necessárias, pois resultam em registar a imagem *para ver* o que escapa ao olhar directo e à possibilidade de percepção do investigador. Mas seria aquilo que o olhar vê o mesmo que a mente percebe?

O debate dessas duas apresentações mostrou claramente que a fotografia não tem um conteúdo factual e absoluto. Como aponta Souza Martins, a fotografia pode ser um recurso para se recriar o lugar do imaginário e, nesse sentido, como diz Serén: o que é a mentira? Nada. O que é a cultura? É tudo o que fazemos e, assim, a mentira, como algo que fazemos, como construção do olhar, é ela também parte daquilo que nos faz evoluir.

Até aqui o que demarca essas diferentes falas mostrou-nos a necessidade de colocar como desafio a reflexão sociológica em torno da fotografia, da imagem; porém, um primeiro resultado que aponta é o de que nesses dois dias de facto falámos muito mais da antropologia, da antropologia visual, de uma certa trajectória da antropologia em torno da imagem, do que falámos da sociologia. Há aqui um ponto de inflexão, e, se é preciso parar para pensar o sentido da trajectória histórica de construção de ambos os campos de conhecimento – a sociologia e a antropologia –, cabe pensar a antropologia surgida no bojo do colonialismo, sem ainda dispor de uma base própria de conhecimento que lhe desse o aporte para construir o olhar tão necessário naquele momento e que então se serviu de todos os recursos imaginados e possíveis, tornando-se uma ciência pioneira no uso das imagens e, portanto, da fotografia. O facto não é tranquilo ou resolvido, como vimos pelas exposições feitas, mas aí está a desafiar a história do seu passado e também o seu presente enquanto ciência e enquanto modo de fazer ciência.

De todas as comunicações aqui reunidas, na maioria de expositores portugueses, emerge um olhar sobre a antropologia visual portuguesa que

resulta numa perspectiva de como se construiu a trajectória da antropologia portuguesa. De ambos os factos percebe-se que essas duas histórias caminham juntas e, considerando-se a grande presença da sociologia no campo das ciências sociais no mundo português hoje, parece-me que é chegada a hora de resgatar mais profundamente a história da antropologia portuguesa e oferecer talvez alguns pontos de inflexão no sentido de pensar possíveis olhares estrangeiros sobre o muito do olhar e imaginário europeu e colonial aqui revelado nas exposições desses dois dias. Cabe perguntar de outras possibilidades de polemizar o olhar, de olhar de diferentes pontos para complexificar os nossos temas e as realidades que investigamos.

Nesse sentido, a perspectiva catalã que nos chega com a exposição de Carles Feixa e Laura Porzio sobre as tribos urbanas em Barcelona coloca-nos diante do imaginário lembrado por Martins, à medida que num largo prazo – cerca de vinte e cinco anos – usa a imagem típica de diferentes culturas juvenis para evidenciar as suas trajectórias, tendências, características que pelo registo fotográfico se revelam em instantâneos de vida marcados por estilos e elementos materiais e imateriais que ordenam grupos e épocas.

A riqueza desse registo revela o recurso fotográfico em três dimensões relativas à investigação das culturas juvenis, como texto, como contexto e como pretexto. Importante ressaltar, essa última dimensão coloca na ordem do dia o pesquisador, mediante a fotografia, como elemento signifiante da comunicação com o outro – o jovem que assim aceita o pesquisador e interactua com ele, estabelecendo a troca e o diálogo. Aspectos fundamentais que tornam a pesquisa possível e permitem compreender, por imagens e para além delas, como as culturas juvenis se representam. Aqui, novamente, as falas dos expositores do primeiro dia do evento encontram um patamar comum: a imagem é, sobretudo, representação.

Como representação, a fronteira entre o real e o ficcional, pode dizer-se, permite aos sujeitos focados no processo imagético ou a ele expostos a subversão do mundo quotidiano ou ir de encontro a um outro modo de dizer algo sobre o real. É aqui que, penso, a fala de Nuno Porto pode ser colocada. Expostos por meio de tecnologias à produção e circulação de imagens, entre as quais aquelas produzidas pela exposição de objectos no interior de um museu etnográfico, os sujeitos colocam-se numa experiência situada em diferentes níveis, propiciando, a partir do museu como moldura, a construção de novas significações. No dizer de Nuno Porto, nunca se sabe antecipadamente o que uma pessoa vê, pois tal não depende directamente do objecto, mas da sua bagagem cultural, das suas experiências, etc. Em antropologia costuma-se dizer que não há como fazer pesquisa a não ser como pesquisa situada e o antropólogo, ele próprio, é um pesquisador situado. Nesse sentido, as experiências

fotografadas por Carles Feixa, tal como as experiências brasileiras e cubanas trazidas na exposição de José Silva Ribeiro, são ou podem ser vistas como experiências situadas.

A experiência dupla de pesquisa – no Brasil e em Cuba – de que fala José da Silva Ribeiro expõe as potencialidades do registo imagético e sonoro que revela a pluralidade das práticas culturais de um grupo e de outros segmentos em torno dele. Fala também da circulação e recepção das imagens produzidas que retornam ao grupo e suas consequências. Nesse sentido, não só na antropologia, mas em todas as ciências sociais, há que se ter clareza do contexto que é investigado e, como diz Carles Feixa, há que «se entender o contexto e ter consciência do como esses elementos interferem nas imagens que são produzidas».

A exposição de João Leal fala-nos em retratos para lembrar a trajectória da antropologia portuguesa sob a forma do desenho etnográfico, da fotografia e do filme. O percurso corresponde ao tempo linear e histórico que situa o contexto da antropologia portuguesa com objectividade. Evidenciando para diferentes períodos as diferentes formas de trabalhar com as imagens. Da mesma forma que Catarina Alves Costa⁹, retomam ambos a questão da representação, tão intensamente colocada pelos primeiros expositores. Trazem-nos, assim, a experiência do desenho e do cinema documental português de vocação etnográfica que nos proporciona uma ideia e uma memória do país, ou seja, Portugal. Catarina Alves Costa e João Leal têm em comum o traçar de uma história da antropologia portuguesa por caminhos que, embora diversos, trazem a questão da imagem e das suas revelações. Catarina Alves Costa demonstra que numa fase mais próxima de hoje a linguagem cinematográfica se revela de modo engajado no tempo e questiona o fazer mais recente em torno da multiculturalidade, do pós-colonialismo ou da vida urbana. No trajecto da primeira metade do século XX aos dias de hoje, Catarina Alves Costa mostra-nos por meio da linguagem cinematográfica a ideia do engajamento e do compromisso. O compromisso foi outro de entre os termos que emergiram com força das exposições feitas, mas a pergunta é: de que compromisso falamos?

⁹ Catarina Alves Costa, do Departamento de Antropologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, apresentou no seminário uma comunicação sobre «Representações da cultura popular no cinema documental português de vocação etnográfica». Infelizmente, por afazeres múltiplos, não lhe foi possível entregar atempadamente o texto para publicação. A sua comunicação pode ser visionada no DVD «O visual e o quotidiano», disponível na biblioteca do ICS. Em contrapartida, recuperou-se o texto de Margarida Medeiros – impossibilitada de estar presente no seminário – sobre «A vigilância fotográfica, a vida nas cidades e a influência de Michel Foucault».

Em questão o compromisso de uma produção do saber que tem de ser filtrado a partir daquilo que são os nossos corpos de saber, de crenças, de ideologias, mas que também tem de passar pelo filtro do que foram tais crenças e ideologias, de tudo o que antecedeu a realidade portuguesa de hoje e que envolve o nosso passado comum – a situação colonial. Discutir multiculturalismo, pós-colonialismo, vida urbana, como nos trouxeram vários expositores, exige pensar do que estamos a falar. Esse foi o tom da exposição de Clara Carvalho.

Para a expositora, a questão do colonialismo em torno das imagens de raça e de género coloca-se na análise dos arquivos fotográficos da época colonial relativos à Guiné. Discute a natureza da iconografia produzida e o seu uso para apontar a construção do imaginário sobre a nação portuguesa no interior do projecto colonial. O que essas imagens produzem é então representação, agora estreitamente vinculada ao discurso do poder instituído e que resulta na elaboração de um contexto referencial sobre a diferença e a alteridade. O que também é claro na sua fala é, novamente, a ideia de que não se trata apenas da «naturalização» da imagem do outro distante, ligado à natureza, primitivo, mas o quanto tais imagens resultam num imaginário que é construído e manipulado desde o mundo europeu. Lembrei-me da história da «Vénus Hotentote» apesar da distância no tempo. E da lembrança resulta a constatação de que em pleno século XX a exposição de 1934 e os seus organizadores portugueses se encontram orientados pelos mesmos princípios e pelo compromisso de afirmarem a normalidade dos civilizados, vale dizer, dos europeus, frente à excepcionalidade do outro, o africano. O caminho de interpretação de Clara Carvalho mostra apenas que agora a representação se vincula à ideia de nação e de um poder instituído. Ainda assim, o debate exige ser ampliado no sentido de que é necessário entender o exotismo, o primitivismo, a natureza do outro como meio de confirmação de um mundo europeu tanto do século XIX quanto do século XX e, quiçá, em pleno século XXI.

Cabe resgatar de todas as exposições feitas nestes dois dias do evento, para além das suas potencialidades, os limites presentes no processo de utilização das imagens no campo das ciências sociais. Cabe reflectir, diante de uma modernidade avançada, com tecnologias diferenciadas e complexas como as que nos trouxe José da Silva Ribeiro, como produzir e colher bons frutos em termos metodológicos e analíticos, mas é preciso estar atento às armadilhas desses recursos para não se privilegiar em demasia a técnica em detrimento de uma reflexão crítica e consistente. Estar em vigília constante e problematizar o olhar e o pensamento no interior daquilo que somos, das nossas histórias passadas e presentes, é fundamental para que possamos não nos distanciar dos nossos propósitos e de um bom resultado.

No balanço final desse evento, o que fica para além do fecundo debate desses dias e da heterogeneidade de abordagens aqui expostas é que a imagem e a realidade constituem entre si um caminho que se elabora, se concretiza, por meio de mediações – nunca de modo directo e absoluto. Nesse sentido, produzir imagens, seja qual for o recurso de que se utiliza um pesquisador, é sempre uma reconstrução que se dá, como diz Miriam Moreira Leite¹⁰, através das nossas capacidades cognitivas. Entre essas inscrevem-se o olhar, tão lembrado aqui, e a imaginação, que, como diz José de Souza Martins, é o espaço de criação por excelência.

A fotografia, o filme etnográfico de que se falou hoje, os museus e outros recursos imagéticos (desenhos, mapas) e mesmo as sonoridades, o som, colocam-se como recursos de investigação, por mais que tenham expressividade na percepção em torno dos fenómenos sociais, e, pela sua importância e complexidade aqui revelada, necessitam da reflexão crítica, da compreensão de que resultam de processos também complexos e relativos. Isso tudo exige de nós, pesquisadores, esclarecer as formas da sua produção e da sua natureza como produto, sob pena de, caso não o façamos, colocarmos em risco as nossas interpretações do real.

A complexidade e a legitimidade do que foi este seminário «O visual e o quotidiano» ofereceram-nos um caminho inicial, que abriu uma porta e segue a desafiar-nos a outros momentos de aprofundamento e reflexão. Saímos daqui acrescidos e com muitas perguntas, cujas respostas exigem novas investigações e outras inquietações.

Neusa Mendes de Gusmão

¹⁰ Miriam Moreira Leite, Universidade de São Paulo (Faculdade de História), comunicação oral.